

VIOLÊNCIA E MISERICÓRDIA NOS PROFETAS BÍBLICOS DOS SÉCULOS VIII E VII A.C.

Ludovico Garmus*

Resumo

A Palestina é um corredor natural de ligação entre os continentes da África, Ásia e Europa. Era uma região cobiçada e disputada pelos impérios do Antigo Oriente Médio. O domínio sobre este corredor significava o controle do comércio e das riquezas que por ali fluíam. O objetivo deste pequeno estudo é mostrar como os profetas dos séculos VIII e VII a.C., de Israel e Judá, se posicionaram frente ao sofrimento do povo causado pelas injustiças internas e, agravado, pela crueldade e violência da invasão da Assíria e da Babilônia.

Palavras-chave: *Justiça. Direito. Violência. Amor. Misericórdia. Profetas.*

Abstract

Palestine is a natural corridor linking the continents of Africa, Asia and Europe. It was a coveted region and disputed by the empires of the ancient Middle East. The dominion over this corridor signified the control of trade and the riches that flow there. The aim of this small study is to show how the prophets of Israel and Judah of the eighth and seventh century B.C., positioned themselves and their message in front of the suffering of the people caused by internal injustices and aggravated by the cruelty and violence of the Assyrian and Babylonian invasion.

Keywords: *Justice. Right. Violence. Love. Mercy. Prophets.*

* Mestre em exegese bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Ciências Bíblicas e Arqueológicas (Jerusalém) da Pontifícia Universidade Antoniana de Roma. Professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano. Editor responsável da revista *Estudos Bíblicos*.

As civilizações do Antigo Oriente Médio e Egito baseavam-se na produção agrícola. Os inícios da agricultura aconteceram há cerca de 10.000 anos, após a última era glacial que terminou há mais de 13.500 anos¹. A prática da agricultura levou a um modo de vida sedentário e este, por sua vez, deu origem às primeiras cidades. As cidades tinham os seus reis e estes tendiam a estender seu domínio sobre os arredores. Para defender seu povo, seu território e seus bens os reis criaram o exército. Para manter o exército, o culto oficial e a estrutura administrativa criaram o tributo². Assim surgiu o chamado “modo tributário de produção”. O modo tributário de produção acendeu o estopim da violência. Primeiro, a violência interna porque os tributos eram cobrados dos proprietários de terra e estes faziam recair sobre os agricultores empobrecidos, que trabalhavam como escravos para pagar suas dívidas. A violência interna sofrida pelos mais pobres de uma localidade financiava a defesa de um reino contra possíveis agressões de povos vizinhos. Os interesses econômicos do rei de uma cidade entravam em conflito com os interesses de cidades vizinhas. O rei mais poderoso vencida e expandia seu domínio sobre outros reis, que lhe deviam pagar tributo. A expansão era precedida pelos interesses comerciais, seguida pelos exércitos e sempre acompanhada pela violência³. É nesse ambiente que surgem os impérios do antigo Oriente Médio: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia etc. Os impérios recorriam também à mão de obra escrava de povos dominados, mas predominava o modelo tributário. Só no período grego e romano passou a dominar o modelo escravista de produção.

A monarquia em Israel

As tribos que formaram os reinos de Israel e Judá estabeleceram-se na região montanhosa do corredor estratégico da costa oriental do mar Mediterrâneo que liga os continentes da África, Ásia e Europa. Por isso, ao lado de outros povos situados neste corredor estratégico, Israel foi vítima constante da violência dos impérios vizinhos. Os hebreus libertados do Egito deixam de servir ao faraó para servir unicamente a Javé. No regime teocrático do período tribal, Javé exerce seu poder por meio dos juizes, que os suscita pelo seu espírito para libertar e organizar Israel como povo. As tribos, porém, cansadas do regime teocrático, considerado inseguro, pedem a Samuel que lhes dê “um rei como o têm os outros povos” (1Sm 8,4-9). Por ordem divina, Samuel unge Saul como o primeiro rei de Israel e, logo depois, Davi. Desde então, ao lado do rei está o profeta, como intermediário entre Javé e o rei. Para tomar alguma decisão importante, como iniciar uma guerra ou construir um santuário (cf. 1Rs 22,1-28; 2Sm 71-17), o rei deve

1. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120109_era_glacial_emissoes_rw / acessado em 16/10/2019.

2. Sobre os tributos cobrados na história das monarquias e impérios ver <https://acropolemg.blogspot.com/2019/06/a-historia-dos-tributos-do-mundo-antigo.html> / acessado em 15/10/2019.

3. GARMUS, Ludovico. O imperialismo, estrutura de dominação. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (Opção pelos pobres como critério de interpretação), n. 3, p. 7-20, 1999/1.

recorrer ao profeta, que se consulta com Deus e traz a resposta ao rei. Jorge Pixley⁴ coloca em evidência o lugar religioso, político e social ocupado pelo profeta ao lado do rei no regime teocrático.

Quando Samuel morre, ao lado de Davi aparece o profeta Natã. Os profetas, porém, não eram subservientes aos caprichos do rei. Ungiam o rei a mando divino (1Sm 10,1; 16,1-13; 1Rs 1,28-48) e apoiavam suas iniciativas boas (2Sm 7). Mas quando o rei desobedecia aos mandamentos do Senhor, o profeta enfrentava e até condenava o rei (2Sm 12; cf. 1Rs 17-19; 21-22).

Aías de Silo, por exemplo, anunciou a divisão do reino a Salomão (cf. 1Rs 11,11-13.29-39; 12,15). Por outro lado, mais tarde repreendeu os pecados de Jeroboão, o primeiro rei do reino de Israel e, como punição, anunciou a morte de seu filho e o fim da dinastia (1Rs 14,1-18; cf. 15,29).

No século IX a.C., o profeta Elias condenou a idolatria do rei Acab e da rainha Jezabel, adoradora de Baal. Denunciou também o assassinato de Nabot por causa da vinha cobijada pelo rei; como castigo anuncia a morte do rei Acab e da rainha Jezabel (1Rs 21,1-24). O conflito básico do profeta Elias e Eliseu com a monarquia do reino de Israel, já ameaçado pela Assíria, tem como pano de fundo a idolatria e o sistema tributário. O mesmo acontecerá também com os profetas escritores do século VIII até o início do século VI a.C. Convém lembrar que a Assíria começou a ameaçar o ocidente com Assurnasirpal (883 a.C.), que estendeu seu domínio sobre o norte da Mesopotâmia. Sob Salmanasar III (858-824), na tentativa de expandir o império para a costa oriental do Mediterrâneo, a Assíria atacou os arameus de Damasco, que lideravam uma coligação com a Fenícia e Israel. O rei Acab participou com seus aliados da famosa batalha de Carcar (Síria). Salmanasar III se vangloria em seus anais de uma espetacular vitória. Na realidade houve um “empate”. Os reis coligados conseguiram apenas barrar por alguns anos o avanço assírio. Pouco mais tarde, porém, sob Jeú rei de Israel (841-813), Israel já pagava tributo a Salmanasar III (2Rs 9-10).

Profetas dos séculos VIII e VII

Na segunda metade do século VIII, os dois reinos, Israel e Judá, estão sob o domínio da Assíria e pagam tributos. Quando o rei Faceias de Israel se nega a pagar tributo à Assíria, Samaria é destruída e parte significativa da população, levada para o exílio.

É no contexto da dominação da Assíria que surgem os primeiros profetas clássicos. Como se posicionam estes profetas frente ao invasor assírio e, depois, babilônio? Qual é a mensagem que anunciam diante da violência e opressão cau-

4. Cf. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 4. ed. 1996.

sadas pelos reis e pelas elites governantes de Israel e de Judá e agravadas pela crueldade do exército assírio e babilônico? Quem eram as principais vítimas da violência sofrida?

A seguir, passaremos a tratar do tema proposto, “Violência e misericórdia”⁵, fixando-nos um pouco mais em Amós, Oseias, Isaías, Miqueias, Jeremias e Habacuc. Antes, porém, cabe um esclarecimento sobre dois termos importantes em jogo. O termo violência (*hamas*), quando acontece entre os homens, indica uma violação da ordem estabelecida e garantida por Deus⁶. Misericórdia/amor traduz a palavra hebraica *raḥamîm*, da raiz hebraica *ṛḥm*, e significa seio materno, entranhas. O termo “misericórdia”, em geral, tem Deus como sujeito⁷.

O profeta Amós

Amós foi profeta entre 760 e 745 a.C., quando Jeroboão II levou Israel a um novo esplendor (2Rs 14,23-29). Amós era “um dos pastores de Técuá”, em Judá (Am 1,1). Sendo pastor de ovelhas, perambulava com seu rebanho pelas montanhas da Judeia e Samaria em busca de pastagens e visitava os santuários, onde podia vender suas ovelhas. Pelo caminho, observava a vida dura dos camponeses. Nas cidades, ficava indignado ao ver comerciantes falsificando pesos e medidas quando compravam os produtos dos camponeses ou os vendiam ao povo (Am 8,4-8). Com rigor, o profeta denuncia os juízes corruptos (5,10-15) e a elite dominante que se enriquecem à custa dos pobres (6,1-8). Amós conta em suas visões como Deus o chamou a ser profeta (7,1-9). Nas três primeiras visões (v. 1-9) fica evidente o sofrimento que o sistema tributário trazia para os agricultores e pastores. O que Amós viu? O que o Senhor lhe fez ver? – “O Senhor formou gafanhotos, quando começava a crescer o feno tardio; era o feno que vem depois da colheita, para o rei” (7,1). No sistema tributário, o melhor da produção se destinava ao rei; no caso do feno, servia para manter a cavalaria do rei bem-nutrida, pronta para uma eventual guerra. Quando começava a brotar a segunda colheita, vem uma nuvem de gafanhotos e devora tudo. Em outras palavras o gafanhoto principal (o rei) devorava o melhor da colheita e a invasão de gafanhotos de verdade acabava com o resto. Se os gafanhotos devoravam o feno, devoravam também plantações de trigo, centeio e as pastagens. O camponês ficava sem o pão, o pastor sem as pastagens para as ovelhas e ambos caíam na miséria. Amós, solidário com os pastores e os camponeses, reage e diz: “Senhor

5. Em 2016, o tema da misericórdia foi tratado pela revista “Estudos Bíblicos”. “Aprende: quero misericórdia e não sacrifício” (Mt 9,13), *Estudos Bíblicos*, vol. 33, n. 129, jan/mar 2016; “Bíblia: Misericórdia e compaixão” – *Estudos Bíblicos*, vol. 33, n. 130, abr/jun 2016.

6. STOEBE, H.J. *Ḥamas*. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, vol. I, p. 811-812, 1978.

7. STOEBE, H.J. In: *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. vol. II, p. 937-966, 1985.

Deus, perdoa, eu te peço! Como poderá Jacó resistir? Ele é tão pequeno”! E Deus desiste do castigo.

Na 2ª visão, Deus lhe mostrou “um julgamento pelo fogo que devorou o grande Oceano, depois devorou os campos” (7,4). Portanto, uma seca terrível que fez secar até as fontes de água; de novo, uma ameaça sobre o campo que abastecia também a população das cidades. E Amós suplica: “Senhor Deus, para, eu te peço! Como poderá Jacó resistir? Ele é tão pequeno”! E o Senhor respondeu: “Também isso não acontecerá” (7,5).

Na 3ª visão, o Senhor aparece de pé em cima de um muro (de cidade?), com um fio de prumo na mão. O fio de prumo serve para o pedreiro verificar se o muro está bem construído. Pode acontecer que, após medir com o prumo, o pedreiro perceba uma inclinação perigosa do muro e decida derrubá-lo para começar tudo de novo. É o que o Senhor decide fazer ao explicar a visão ao profeta: “Vou colocar um fio de prumo no meio do meu povo, Israel; não tornarei a perdoá-lo” (7,8).

Nas duas primeiras visões Amós apela para Deus misericordioso e suplica em favor de Jacó porque “Jacó é tão pequeno”. Na terceira visão, Amós já não intercede em favor de Israel. No entanto, permanecendo na imagem de Javé pedreiro que derruba o muro para reconstruí-lo, vislumbra-se um fio de esperança. Javé vai castigar Israel, apesar de chamá-lo “meu povo”. Contudo, não será um extermínio total, pois o fio de prumo vai ser colocado no meio do povo. Atingirá quem está no centro, isto é, os dirigentes de Israel, mas as consequências do castigo anunciado atingem também o “meu povo”. A violência da guerra atingirá a dinastia de Jeroboão e destruirá os lugares altos e os santuários onde se fazia culto idôlatrico (cf. 7,10-11). A ameaça do profeta contra a classe dirigente de Samaria é violenta porque usam de violência contra os pobres e “amontoam opressão e rapina nos palácios”, fruto da opressão dos fracos e exploração dos pobres (4,1). O que deles restar será apenas para comprovar que um dia existiram: “Como o pastor salva da boca do leão duas patas ou um pedaço de orelha assim se salvarão os israelitas que estão instalados em Samaria, na beira de um leito e sobre um divã de Damasco” (3,12).

Apesar das graves ameaças, o profeta aponta a conversão como única possibilidade de salvação: “Procurai-me e vivereis” (5,4). “Procurai o bem e não o mal, para que possais viver”... “Odiai o mal e amai o bem, estabeleci o direito no tribunal; talvez o Senhor, o Deus todo-poderoso, tenha compaixão (*hanan*) do resto (*še'erit*) de José” (5,14-15). Em meio à violência interna da classe dirigente e da cruel agressão do império assírio, o profeta percebe a ação misteriosa da misericórdia divina para salvar, ainda que de modo condicional, um resto do seu povo. O tema da misericórdia/compaixão ligado à salvação de um “resto” aparecerá nos profetas posteriores⁸. O livro de Amós termina com promessas de

8. O tema do “resto de Israel” foi estudado no n. 62 de *Estudos Bíblicos*: “Resto santo e fiel”. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999. No texto introdutório “Resto Santo (antologia de textos)”, p. 9-15, Harol-

salvação, acrescentadas por redatores pós-exílicos (9,11-15). Elas anunciam, numa releitura judaica, a ação da misericórdia divina após a violência sofrida pelo povo de Israel.

Oseias

Em Oseias, a misericórdia divina supera a violência humana⁹. A atividade de Oseias como profeta se coloca entre 755 e 725 a.C. Começou nos últimos anos do florescente reinado de Jeroboão II, palco também da atividade de Amós (760-745). Oseias foi testemunha da queda da dinastia de Jeú, cujo fim ele mesmo anunciou (Os 1,4). Com a alma angustiada, acompanhou a série de revoluções e assassinatos de reis, iniciada com a morte violenta de Zacarias, após seis meses de reinado. O profeta resume a violência que levou aos seis assassinatos numa frase: “Dou-te um rei em minha cólera e o retomo em meu furor” (13,11). Sentiu na própria pele as consequências dos planos conquistadores de Teglát-Falasar III (745-727 a.C.), rei da Assíria. De fato, Manaém, rei de Israel (753-742), impôs pesadas taxas sobre os cidadãos ricos a fim de cobrir a quantia exigida como tributo pelo rei da Assíria (2Rs 15,19-20). Naturalmente, os ricos se refaziam à custa dos pobres.

Para enfrentar a violência do conquistador Teglát-Falasar, Aram, Israel e os reis vizinhos queriam forçar Judá a participar de uma aliança. O profeta Isaías aconselha o rei Acáz de Judá a não participar da aliança, mas a confiar no socorro de Javé (Is 7,1-19). Acáz, porém, pede socorro a Teglát-Falasar, tornando-se assim tributário da Assíria. Isso provocou a guerra siro-efraimita contra Judá, testemunhada também por Oseias (5,8-6,6). É uma surpresa que, exatamente, deste contexto de injustiça e violência, surja qual pérola preciosa a mensagem de Oseias sobre o amor misericordioso de Deus. O amor de Deus marca a história de Israel desde o seu nascimento:

“Quando Israel era um menino eu o amei, e do Egito chamei meu filho [...]. Fui eu que ensinei Israel a caminhar [...]. Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor; eu era para eles como quem levanta uma criancinha a seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava” (11,1-4).

É também o amor de Deus que terá a última palavra (2,16-25). Pois Javé é Deus e não um ser humano, que gosta de irar-se e destruir:

“Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas se comovem”...
 “Não tornarei a destruir Efraim, porque eu sou Deus e não um homem; sou o Santo no meio de ti” (11,8-9).

do Reimer apresenta uma lista de textos em que ocorre o termo “resto”. A maioria das ocorrências se encontra nos livros proféticos.

9. Para melhor conhecimento de Oseias, ver *Estudos Bíblicos*, vol. 32, n. 128, out/dez 2015: “O profeta Oseias”.

Mas esta *hesed* divina, longe de ser uma fraqueza, constitui uma exigência. Deus “quer amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais que holocaustos” (6,6). O conhecimento de Deus (*da‘at ’elohîm*) é uma expressão típica de Oseias e se tornará um tema corrente, especialmente, em Ezequiel. Mais do que um conhecimento intelectual, é a experiência da misericórdia de um Deus pessoal, que pune e também salva (cf. Jó 42,1-6). Javé, com seu amor, virá preencher esta falta de conhecimento, educando o seu povo (Os 2,11s.; 3,3-35; 11,1s.).

Javé não é apenas um pai ou mãe que educa seu filho Israel. Ele é também o esposo e Israel, a sua esposa. Para expressar esse amor de Deus como esposo, Oseias usa o simbolismo matrimonial¹⁰: Este tema é bem desenvolvido em Os 1-3 e, depois, em Isaías, Jeremias e Ezequiel, sempre num contexto de violência interna e/ou externa sofrida pelo povo de Israel e Judá. O nome simbólico dado ao segundo filho de Oseias com Gomer é Jezrael (1,3-5). É o nome da planície onde, cem anos antes, o rei Jeú usou de extrema violência para restaurar, sem sucesso, a fidelidade a Javé. A memória do massacre serve para Oseias anunciar o fim violento da “casa de Jeú” (2Rs 15,12).

Dentro do simbolismo matrimonial, Javé é um Deus ciumento, que pune Israel quando se torna infiel, prostituindo-se com os deuses de Canaã, da Assíria ou de Babilônia, seus dominadores. Deus, porém, é um marido fiel. Mesmo com o “coração ferido” pela infidelidade de Israel, sua esposa, Javé jamais a esquece (cf. Is 44,21; 49,14-15; 63,13; Jr 31,20). Pode até processar a esposa por abandono (Os 2,4), punir pela infidelidade (2,8-15) ou deixá-la de quarentena (Os 3,3). Mas não descansará enquanto não reconquistar seu amor. Javé mesmo traça um plano para reconquistar o amor de sua esposa Israel:

“Eu mesmo a seduzirei, conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração [...]. Lá ela responderá como nos dias da juventude, como no dia em que saiu do Egito. Naquele dia – oráculo do Senhor – tu me chamarás “meu marido” e já não me chamarás “meu Baal” [...]. Eu te desposarei para sempre; eu te desposarei na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei na fidelidade e tu conhecerás o Senhor” (2,16-22).

Os dois primeiros termos, justiça e direito (*sedek* e *mišpat*), têm um aspecto mais jurídico e determinam um agir de acordo com os interesses da união matrimonial, na observância das regras que favoreçam a mútua comunhão (cf. Am 5,7.24; 6,12). Os dois últimos termos, amor e ternura (*hesed* e *raḥamîm*), indicam mais a gratuidade divina, a espontaneidade do amor, o afeto materno para com os fracos e o perdão dos culpados. “Na fidelidade” (v. 22: *’emunâ*) é a síntese dos quatro termos anteriores. É o “amém” que confirma e dá estabilidade à união matrimonial. Portanto, cinco são os presentes matrimoniais de Javé para sua noiva Israel: direito e justiça, amor e ternura, selados pela fidelidade.

10. Cf. GARMUS, Ludovico. Simbolismo matrimonial nos profetas. *Estudos Bíblicos*, n. 40, p. 50-63, 1993.

“E conhecerás o Senhor” (*yada‘ta*): é a resposta que Javé espera de Israel. É a palavra-chave da mensagem de Oseias (2,10.15; 5,4; 6,3; 9,2; 13,4). Significa adesão a Deus, pelo reconhecimento de sua revelação e observância da Lei (cf. 4,1-2.6). Oseias reserva o termo *'ahab*, “amar”, para a iniciativa de Javé, e *yada‘*, “conhecer”, para a resposta de Israel a esse amor.

Miqueias e Isaías

Lembramos brevemente os dois profetas de Judá do reino de Israel, contemporâneos a Oseias. Ambos vivem dentro de Judá os mesmos problemas de violência internos e os causados pela violência da Assíria contra o reino de Israel. Na redação final do livro de Miqueias aparecem as costumeiras denúncias contra a corrupção e a violência generalizadas (Mq 7,1-7), justificando a punição divina pela violência externa. Mas tudo termina com promessas de salvação/restauração, tanto para Israel (2,12-13) como para Judá (Mq 4-5; 7,8-13). Conclui-se com uma oração em que se pede que Deus tenha misericórdia (*raham*), perdoe os pecados de Judá e Israel, e lhes conceda o dom da fidelidade e do amor. E promete que “o resto (*še'erît*) de Jacó será, no meio de numerosos povos, como o orvalho vindo do Senhor” (5,6-8). O tema do resto está ligado à violência sofrida por Israel e Judá e à misericórdia divina que salva um resto do povo¹¹.

O livro de Isaías 1-39 cobre o período da dominação assíria. Pode ser dividido em seis partes: 1. Oráculos sobre Judá e Jerusalém (Is 1-12); 2. Oráculos contra as nações (Is 13-23); 3. Apocalipse de Isaías (Is 24-27); 4. Oráculos de salvação para Israel e Judá (Is 28-33); 5. Pequeno apocalipse (Is 34-35); 6. Apêndice histórico (Is 36-39). Em Is 1-12 misturam-se oráculos de denúncia e castigo dos pecadores por meio da invasão assíria, com exortações à conversão e promessas de salvação. O mesmo acontece com Is 13-39, em maior ou menor grau. Em Is 1-39, os redatores exílicos e pós-exílicos mostram um profeta que acredita no triunfo da misericórdia divina. A violência da punição tem um caráter terapêutico: “Voltarei minha mão contra ti, removerei as tuas escórias [...]. Farei que teus juízes voltem a ser como antigamente e teus conselheiros como no início. Depois disso serás chamada cidade da justiça, cidade fiel” (1,25-26). Na primeira parte (Is 1-12), embora a mensagem se dirija a Judá e Jerusalém, Isaías adverte também os dirigentes do reino de Israel, no contexto comum da guerra siro-efraimita e da invasão do exército assírio. A classe dirigente de Israel, advertida e denunciada pelos profetas Amós e Oseias, não se converte e permanece cega ante a violência e a desgraça iminente que cairão sobre o povo (cf. Am 3,9-4,3). Não percebem que a Assíria é o bastão da ira divina a fim de punir os pecados

11. A revista *Estudos Bíblicos*, n. 62, 1999, tem como tema “Resto Santo e fiel”. Um estudo de Haroldo Reimer inclui uma lista das passagens nos livros proféticos que tratam do tema do resto (p. 9-15).

dos governantes (Is 10,5-19). Se não se converterem, a mão punidora de Javé continuará estendida contra Israel, com novas desgraças (Is 5,25; 9,11-20; 10,4).

Jeremias

Com a decadência da Assíria, o pequeno reino de Judá vive uns trinta anos de independência, livre de tributos, entre 640 e 609 a.C. O rei Josias, guiado pelos sacerdotes e a “descoberta” da Lei (Dt 12–26), promove uma reforma religiosa e social em Judá. No entanto, a paz e a segurança duraram pouco tempo. Os babilônios conquistaram Nínive, capital da Assíria, em 612 a.C. Em 609, Josias morreu em batalha na tentativa de impedir que o faraó do Egito socorresse o resto das tropas assírias. Em 597 a.C. Jerusalém foi tomada pelos babilônios. Nesse contexto político nacional e internacional, Jeremias é chamado a ser profeta, no décimo terceiro ano do reinado de Josias (627 a.C.) e começa sua pregação após a morte do rei. Na própria narrativa vocacional já se define a dimensão e o conteúdo da missão profética de Jeremias:

E o Senhor me disse: “Eis que ponho as minhas palavras em tua boca. Vê! Dou-te hoje poder sobre nações e reinos, para arrancar e destruir, para exterminar e demolir, para construir e plantar” (Jr 1,9b-10).

Como se vê, quatro verbos definem a desgraça e a violência como conteúdo principal do anúncio profético e apenas dois verbos apontam para seu aspecto salvífico. A missão de Jeremias não se restringe ao povo de Judá e seus governantes. Sua missão tem um alcance universal. Jeremias é chamado “desde o ventre materno” como profeta das nações (1,5)¹². Devia anunciar que do Norte (Babilônia) viria “a desgraça sobre todos os habitantes do país” (1,14). O profeta sofreria forte oposição dos governantes de Judá, por causa das denúncias de injustiças e ameaças de castigo que fazia, mas sempre podia contar com o apoio de Javé (1,17-19). Jeremias não apenas falava ao povo em nome de Deus, mas também em nome do povo suplicava o perdão divino. Em meio às ameaças externas e às injustiças que o povo sofria sobrevém uma severa seca, o profeta queixa-se com Deus e, mesmo assim, renova sua confiança:

“Por que te comportas como um homem perturbado, como um herói que não pode salvar? Mas tu estás em nosso meio, Senhor, e teu nome é invocado sobre nós. Não nos abandones” (14,9).

Deus, porém, lhe pede três vezes que não mais interceda pelo povo que não quer se converter e permanece na idolatria (Jr 7,16; 11,14; 14,11). Em sua terra

12. O Servo de Javé (Is 49,1-7) e o Apóstolo Paulo (Gl 1,15-16) são também chamados desde o ventre materno para uma missão universal.

natal, Jeremias é perseguido e ameaçado de morte. Nenhum dos pais de família lhe quer dar sua filha em casamento (11,18-23). Cansado de anunciar desgraças, o profeta entra em crise e se lamenta diante de Deus: “Ai de mim, minha mãe, porque me geraste, um homem discutido e contestado pelo país inteiro! Não emprestei e nem me emprestaram, mas todos me amaldiçoam” (Jr 15,10). Em resposta a Jeremias e suas mensagens de desgraça, seus parentes de Anatot o isolam, impedem que participe em festas de casamento e em velórios. Negam-se a entregar-lhe uma filha em casamento e querem acabar com sua descendência:

Mas eu, como um cordeiro manso levado ao matadouro, não sabia que eles tramavam contra mim: “Destruamos a árvore em pleno vigor, arranquemo-la da terra dos vivos, que seu nome não seja mais lembrado”! (Jr 11,19; cf. 16,1-13).

Por causa dos anúncios de desgraças, o profeta torna-se motivo de calúnia e de zombaria: “Sou motivo de riso o dia inteiro, todos zombam de mim. Porque sempre que devo gritar, devo proclamar violência e opressão. Porque a palavra do Senhor tornou-se para mim injúria e ludíbrio o dia inteiro” (Jr 20,7b-8). Até seus amigos mais íntimos lhe fazem oposição. Jeremias quer desistir de sua missão, mas sente uma força interna que não lhe permite recuar: “Mas o Senhor está comigo como um valente guerreiro, por isso meus perseguidores tropeçarão sem prevalecer” (20,11).

A profecia de Jeremias, porém, não se resume ao anúncio da violência e da desgraça como punição divina dos pecados de Judá. Faz parte de sua missão também o anúncio da salvação: “construir e plantar” (Jr 1,10). Ao lado da violência e opressão interna e externa, aos apelos de conversão e anúncio de castigo, Jeremias coloca as bases de um futuro para Israel e Judá: A prática do direito e da justiça (*mišpaṭ*), amor (*hesed*) e justiça (*šedaqah*), misericórdia (*raḥamîm*) e esperança (*miqweh*)¹³. No meio da violência, Jeremias se lamenta: “Esperamos a paz e nada de bom aconteceu” (8,15). Apesar da decepção, renova sua confiança em Deus, o Senhor da história: “Em ti esperamos, porque és tu que fazes todas estas coisas” (14,22). Para Jeremias, Javé é a “esperança de Israel”, mas parece não levar em conta este título: “Esperança de Israel, que salvas no tempo da desgraça, por que te comportas como um estrangeiro no país, como um viajante que só entra para pernoitar” (14,8); é a única “fonte de água viva” que não pode secar (17,13). Javé é a “morada da justiça” e a esperança de salvação do resto de seu povo (31,7.17; cf. 50,7).

Os anúncios de salvação de Jeremias concentram-se nos capítulos 30–33. Antes, o profeta escreve uma carta aos exilados na Babilônia, exortando-os a cons-

13. GARMUS, Ludovico. Justiça e esperança em Jeremias. In: *Estudos Bíblicos*, vol. 32, n. 125, janeiro/março 2015, 34-44. Tema tratado pelos articulistas do n. 125: “Resistência, esperança e justiça”.

truir casas, constituir famílias e produzir alimentos. Garante-lhes que Deus os faria voltar à terra donde foram retirados à força. O retorno, porém, demoraria 70 anos (Jr 29,1-14). Quando Jerusalém estava cercada pelo exército de Nabucodonosor muitos tentavam fugir da cidade. Jeremias, no entanto, num gesto simbólico, aposta no futuro de seu povo. Por ordem de Deus, compra um terreno de seu parente, dizendo em nome do Senhor: “Ainda se comprarão casas, terrenos e vinhas neste país” (32,15). Confiava inteiramente no amor misericordioso do Senhor pelo povo de Israel: “Eu te amei com um amor eterno, por isso conservei amor por ti. Eu te construirei de novo e serás reconstruída, virgem de Israel” (31,3b-4a). O Senhor jamais esquece o amor da juventude de Israel, no deserto (2,2).

Habacuc

Habacuc é contemporâneo de Jeremias e de Naum. Não tratamos deste último profeta, pois o tema da violência dos assírios já está presente em Habacuc. Estamos agora no final do império assírio (612 a.C.) e inícios do domínio babilônio¹⁴. A atuação de Habacuc deve ter acontecido ainda durante o reinado de Joaquim (609-598), mais precisamente entre os anos 605-603. Analisaremos brevemente o diálogo do profeta com Javé. O diálogo inclui dois questionamentos de Habacuc e duas respostas divinas (1,2-5,6a). A forma do diálogo é uma lamentação, como nos salmos de lamentação coletiva, em tom de queixa ou acusação. O texto escolhido divide-se assim:

1,2-4: primeira lamentação do profeta	1,12-17: Segunda lamentação
1,5-11: primeira resposta divina	2,1-4: Segunda resposta divina

Primeira lamentação do profeta

²“Até quando, Senhor, pedirei socorro e não me ouvirás, gritarei para ti: ‘Violência’ (*hamas*), e não salvarás? ³Por que me fazes ver a injustiça e contemplar a desgraça? Opressão e violência estão na minha frente, há litígios, levantam-se discórdias! ⁴Por isso o direito jamais vigora! Quando o ímpio ronda o justo, o direito aparece torcido” (1,2-4).

O texto descreve uma situação cheia de injustiças e crimes, na qual o direito está ausente. Para o profeta, tamanha é a violência, que exige de Deus uma atitude concreta. O profeta reclama da ausência divina. Deus o faz ver a injustiça e contemplar a desgraça. O profeta como que empresta seus olhos para que Deus veja e contemple o que ele mesmo vê, mas Deus não toma providência. Pelos termos

14. ANDERSEN, Francis I. *Habakkuk*. A new translation with introduction and Commentary. The Anchor Bible, v. 25. New York: Doubleday, 2001.

se percebe a situação: gritar, violência, crime, desgraça, destruição¹⁵. O profeta vê a situação de violência insustentável, para a qual só Deus pode dar uma resposta.

Primeira resposta divina

⁵“Olhai entre as nações e contemplai, espantai-vos, ficai pasmos! Porque realizo em vossos dias uma obra que não acreditareis, se fosse contada. ⁶Sim, eu farei que se levantem os caldeus, essa nação cruel e impetuosa, que percorre a amplidão da terra para apoderar-se de habitações que não lhe pertencem. ⁷Ela é terrível e temível; só dela procede o seu direito e a sua grandeza! ⁸Seus cavalos são mais rápidos que panteras, mais ferozes que lobos ao anoitecer. Seus cavaleiros galopam, seus cavaleiros chegam de longe, voam com a águia que se atira sobre a presa. ⁹Acorrem todos para a violência, sua face ardente é como o vento leste, amontoam prisioneiros com areia! ¹⁰Eles zombam dos reis, os chefes são motivo de riso para eles. Riem-se de todas as fortalezas; fazem aterros e as tomam! ¹¹Então o vento muda e eles passam... É culpado quem faz de sua força o seu deus” (Hb 1,5-11).

O profeta não podia calar-se, por isso desabafa-se diante de Deus, quase forçando-o a intervir. Não bastasse a violência interna em Judá, já se faz sentir a crueldade dos babilônios. Nos vv. 2-4a, o profeta questiona a irracionalidade dos sofrimentos causados pela violência interna e externa. Deus dá uma resposta coletiva (olhai) à violência interna, mas convida o profeta a ver o que está acontecendo no plano mundial. Parece estar dizendo: Acha pouca a violência interna¹⁶? Pois agora vem mais ainda: a violência do império babilônico.

Segunda lamentação do profeta (1,12-17)

¹²“Não és tu, Senhor, desde o início o meu Deus, o meu Santo, que não morre? Senhor, tu o estabeleceste para o julgamento, ó Rochedo, tu o escondeste para castigar! ¹³Teus olhos são puros demais para ver o mal, não podes contemplar a desgraça. Por que contemplas os pérfidos, silencias quando um ímpio devora alguém mais justo do que ele? ¹⁴Tratas os seres humanos como os peixes do mar, como répteis que não tem chefe! – ¹⁵Ele

15. Sobre o tema da violência em Habacuc vários estudos recentes foram publicados: Valmor da Silva. Naum, a boca justiceira de Javé. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 35/36, 2000/1/2, 212-219; Domingos Sávio da Silva. Pobre, o não divino à violência também intervencionista. Quando? (Habacuc). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 35/36, 2000/1/2, 220-223; Maria Laura Gorgulho. Habacuc: uma visão bíblica sobre a violência. *Estudos Bíblicos*, 2001, n. 69, p. 19-31; Rafael Silvatte. La fe del Pueblo del Antiguo Testamento (I). Los profetas Jeremias, Habacuc e Isaías. *Revista Latinoamericana de Teología*. Año XX, n. 59, mayo/agosto, 2003, p. 163-182.

16. Em Hab 1,2-4 o profeta se queixa da violência e das injustiças causadas pelo rei Joaquim (cf. Jr 22,13-19).

os tira todos com o anzol, puxa-os com a rede e os recolhe no arrastão. Por isso, ri-se e se alegra! ¹⁶Por isso ele oferece sacrifícios à rede, incenso ao arrastão; é que por eles a sua porção foi abundante e o seu alimento copioso. ¹⁷Esvaziará ele, sem cessar, a rede, massacrando as nações sem piedade”?

Nos v. 2-4, enfatiza-se o ver do profeta; nos v. 5-11, acentua-se o contemplar da situação internacional do povo; e nos v. 12-17, enfatiza-se o modo como Deus vê a criação. O v. 6 anuncia a vinda de um povo cruel que será o instrumento de Deus para punir a violência interna, impondo a sua vontade e o seu direito (v. 7). Mas, tanto nos v. 2-4 como nos v. 5-11, as vítimas são os inocentes. Segundo o profeta, porém, os babilônios são desqualificados como instrumento divino, pois fazem de sua força o seu deus (cf. Is 14,4.12-15).

Dá para entender o agir de Deus? Mesmo assim, o profeta professa sua fé num Deus Santo (meu Santo) e pessoal, num Deus vivo (que não morre). Mas também protesta: “Esvaziará Ele, sem cessar, a rede, massacrando as nações sem piedade”? Por que Deus deixa a violência triunfar? Por que não lhe dá um basta?

Segunda resposta divina (2,1-4)

¹“Vou ficar de pé no meu posto de guarda, vou colocar-me sobre a muralha para espreitar e ver o que Ele me falará e o que responderá à minha lamentação. ²Então o Senhor respondeu-me: ‘Escreve a visão, grava-a claramente sobre tabuinhas para que possa ser lida com frequência. ³Pois é ainda uma visão para um tempo fixado: aspira por seu termo e não falhará; se tardar, espera por ela, porque certamente virá e não tardará! ⁴O injusto está inchado de orgulho, mas o justo viverá por sua fidelidade”.

O profeta fica de vigia sobre a muralha da cidade, como que esperando uma intervenção divina a qualquer momento. Deus, porém, manda o profeta escrever em tabuinhas um texto a ser lido com frequência [ver Jr 29: carta aos exilados]. Pede fé (fidelidade, *'emunah*) e esperança. O profeta deve continuar vigiando, porque a visão (intervenção divina) virá e não falhará. Mas o tempo de Deus não é o tempo dos homens. Enquanto isso, vale a sentença final: “O injusto está inchado de orgulho – faz da violência o seu deus e vai explodir –, mas o justo viverá por sua fidelidade”.

Conclusão

As lamentações de Jeremias e Habacuc se inspiram nos salmos de lamentação. Esses profetas devem ter recitado com os salmos: “Em minha aflição invoquei o Senhor, e Ele me respondeu” (Sl 120,1). Mas a resposta de Deus ao clamor dos oprimidos pode demorar até 200 anos, como no êxodo do Egito (cf. Ex 2,24-25).

A demora seria porque custamos a ver o que Deus vê? A ouvir o que Deus ouve? Em meio às desgraças e sofrimentos os profetas aprenderam que Deus não perde o fio da história.

O pecado original, mais do que um pecado sexual (Gn 2–3), pode ser considerado como o pecado da violência¹⁷. Caim foi o agricultor e por inveja assassinou seu irmão Abel, que era pastor. Além da agricultura, a Caim se atribui a construção de cidades e o início das culturas e civilizações que englobam a violência (Gn 4,1-24). Não podemos esquecer a violência do sistema tributário dos pequenos reis e dos impérios como um sistema de acúmulo à custa dos mais pobres. O ser humano, quando não respeita a justiça e o direito, movido por seu orgulho e impiedade, torna-se violento e “faz de sua força o seu deus” (Hab 1,11). Deus, porém, responde com a misericórdia, salvando um resto de Israel. As vítimas da violência depositam sua fé e esperança no Deus misericordioso. Dele recebem a força geradora de um mundo novo, onde a justiça e o direito, o amor e a paz irão prevalecer.

Frei Ludovico Garmus, ofm

17. SUSIN, Luiz Carlos. Teologia da Criação: uma proposta de programa para uma reflexão sistemática atual. In: Ivo Müller (org.). *Perspectivas para uma nova Teologia da Criação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 15-50, especialmente, p. 46-50.